

Eixo Capital

ANA MARIA CAMPOS
camposanamaria5@gmail.com

Carona com Michelle Bolsonaro



O eleitorado vai começar a se confundir. O apoio de Izalci Lucas (PL) e de Alberto Fraga (PL) a José Roberto Arruda (PSD) tem colocado o ex-governador no palanque de Michelle Bolsonaro (PL). Foi assim, ontem, no lançamento da candidatura do senador Izalci à Câmara dos Deputados. Por mais que ela diga que está com a reeleição de Celina Leão (PP), Arruda tira uma casquinha. Michelle diz que não vota nele, mas Arruda responde: “Eu voto em você”.

Minevino Júnior/CB/D.A.Press



Divulgação

Campanha começa pela infância

O ex-governador Agnelo Queiroz (PT) lançou, ontem, no Teatro dos Bancários, sua candidatura oficial a deputado federal, cargo que exerceu em três mandatos. Uma das bandeiras que apresentou na festa foi a de propor na Câmara dos Deputados a Bancada da Criança, para que haja recursos carimbados para a infância, com metas, por exemplo, de construção de creches em todo o país.

Agilidade

No Tribunal Regional Eleitoral (TRE-DF), a expectativa entre servidores é de que as ações de impugnação de candidaturas sejam julgadas até 15 de setembro, para que haja tempo para as partes apresentarem recursos ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) antes do primeiro turno das eleições de outubro.



Reprodução

Pedra no caminho

O candidato Elisson Ferreira (Agir) teve que tirar a primeira pedra do caminho, como ele mesmo disse. No início da campanha ao Governo do Distrito Federal, Elisson precisou parar para se submeter à retirada de um cálculo renal. Mas teve alta ontem e se prepara para bater pema em busca de votos.

Cabo eleitoral

O presidente Lula gravou uma mensagem pedindo votos para Leandro Grass (PT): “Tenho muito orgulho de tudo o que estamos fazendo aqui no Distrito Federal. Estamos prontos para mais. Por isso, quero pedir o seu voto para o companheiro Leandro Grass para governador do Distrito Federal”.



Reprodução



Reprodução

Entre advogados

O advogado Raul Saboia e a esposa, Cláudia Saboia, promoveram, na residência do casal, um happy hour de lançamento da candidatura do amigo Kiko Caputo, candidato ao Palácio do Buriti pelo Novo. A comunidade jurídica passou por lá.

Mobilização

Candidato à reeleição, o deputado federal Julio Cesar (Republicanos-DF) começou a nova campanha em um evento com grande mobilização. A cerimônia reuniu apoiadores, lideranças e importantes nomes do cenário político nacional e do Distrito Federal. Entre os presentes, estavam Michelle Bolsonaro, o candidato a vice-governador Gustavo Rocha e Bia Kicis.



Reprodução

Detalhe

Alguém poderia dizer ao Pastor Silas Malafaia que o nome correto é Bia Kicis. Não é Bia Kircis.

“Povo abençoado de Brasília, acorda! São duas vagas para o Senado, se a direita for dividida, vai eleger alguém da esquerda. Não se engane. Por isso, é que Bolsonaro está apoiando para o Senado em Brasília Michelle Bolsonaro e Bia Kicis. Não adianta alguém chegar agora dizendo que é da direita, que é bolsonarista, que apoia Bolsonaro, se não obedece a orientação dele”

Pastor Silas Malafaia

“O que você sabe de Brasília, Silas Malafaia? O que você sabe dos bastidores do que está acontecendo em Brasília para me pressionar? Eu sou aliado de Jair Bolsonaro, mas eu não sigo ordens de Jair Bolsonaro. Não tenho nenhum interesse na família de Jair Bolsonaro, ao contrário de você. Meu interesse é pelo Brasil”

Sebastião Coelho (Novo), desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT) e candidato ao Senado



Reprodução/Redes Sociais



Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press

Acompanhe a cobertura da política local com @anacampos_cb

» Entrevista | JORGE HENRIQUE CARTAXO | HISTORIADOR

Pesquisador e jornalista destaca a grandeza de Juscelino Kubitschek para o país e para o DF em artigos publicados no **Correio**. Morto há 50 anos, em circunstâncias obscuras, o velório do ex-presidente foi tomado por brasilienses



Aponte a câmera e confira a entrevista completa

Quando Brasília perdeu JK

» DAVI CRUZ

O historiador e jornalista Jorge Henrique Cartaxo participou da edição de ontem, do CB. Poder — parceria entre o **Correio Braziliense** e a TV Brasília. O convidado comentou às jornalistas Adriana Bernardes e Mariana Niederauer sobre os artigos publicados no **Correio** e que ressaltam o legado do ex-presidente Juscelino Kubitschek, que morreu há 50 anos, após um acidente de carro, enquanto viajava de São Paulo para o Rio de Janeiro. A primeira parte foi publicada na edição de ontem, com o título Brasília, como poderia viver sem a tua companhia.

O que inspirou o título do artigo sobre a morte de JK?

Foi um verso da música *Peixe vivo*, que o Juscelino gostava tanto e todo mundo sabia disso. Quis retratar Brasília sem JK e ele sem a cidade, coisas que aconteceram em momentos distintos. A capital perde ele quando termina seu governo e vem toda uma mudança política. Juscelino perde a cidade por se afastar de tudo aquilo que ela significava, não somente do ponto de vista da estética, mas da nova civilização que veio com o desenvolvimento.

O legado de Juscelino é visto atualmente? Ainda o identificamos na Brasília de hoje?

Acho que isso se perdeu. A

sensação que tenho, até como morador, é o distanciamento do significado, da importância e da beleza arquitetônica, por parte de muitos. As novas gerações não olham e nem falam mais da cidade como se falava até pouco tempo. No entanto, a memória é fundamental, pois, sem ela, não temos civilização e uma estrutura social. Creio que essa perda se deu por razões políticas. A decisão de esquecer Juscelino foi uma política, tomada nesta cidade também. Em algum momento as elites locais resolveram tirar ele da memória e lembrança.

Qual o maior desafio para resgatar essas histórias? O que te surpreendeu nesse processo?

Não tive dificuldades acadêmicas,



A decisão de esquecer Juscelino foi uma política, tomada nesta cidade também. Em algum momento as elites locais resolveram tirar ele da memória e lembrança"

porque tudo o que está escrito eu li em algum lugar. Não há nada que não tenha sido documentado por um

historiador ou comissões da verdade. Apenas reuni de uma maneira que desse um significado para esse fato. O que me chamou atenção foi o roteiro dessa morte anunciada. Foram três fatos marcantes: a visita do Roberto Marinho ao Juscelino para informar a mobilização militar para eliminá-lo. Depois o boato de que ele teria morrido 15 dias antes da morte real. Por fim, por que JK teria ido de carro de São Paulo para o Rio de Janeiro. Temos muitas informações, mas ainda há uma zona cinzenta.

Como foi o relembrar o cortejo em homenagem a JK em Brasília?

Essa foi uma cena muito importante. Eu diria que a primeira cena pública pela redemocratização é o enterro do Juscelino. Não havia naquele momento uma associação política, mas a cena era essa. Houve uma grande comoção nacional. Os números são imprecisos, mas haviam cerca de 300 mil pessoas (nas cerimônias do velório). A população se apropriou de todo o processo.

Qual a importância do Estado brasileiro reconhecer que JK foi assassinado?

É uma justiça com a história e com a família. Porque a reparação é impossível. Agora, como alerta, como advertência e como mais uma cena dos erros graves que foi essa experiência política de 1964 até 1984, o período da ditadura militar. Ainda

que tenha sido supostamente um agente do Estado, não se pode dizer que eles estavam a serviço do Estado, porque naquele momento tudo era muito dividido. O Geisel queria uma abertura política e, dentro do governo dele, tinha gente querendo derrubá-lo. Mas, que foi um atentado contra uma figura pública importante é pacífico. O que nós podemos dizer é que um cenário político criou esse crime, produziu e tem todos os indícios, mas parou aí.

É possível que as pessoas que vivem em Brasília entendam a importância da cidade?

Há um caminho para isso que é a cultura e a história. Nada se faz ou se consolida sem essas duas coisas, para o bem e para o mal. Paris é um exemplo interessante de uma cidade que se cultiva e se preserva com todas as suas virtudes e defeitos. Qualquer francês adora aquela cidade. Você não pode derrubar uma pedra ali que vira uma guerra. Em nosso caso, não vejo as instituições das cidades fazerem isso, as universidades, as instituições de cultura, a inteligência local. Não os vejo preocupados com essa lembrança.

O que o leitor pode esperar da próxima reportagem sobre JK?

Vamos chegar até a cena do enterro dele. Contar caso é que foi todo o trajeto da Catedral até o cemitério. O que foi dito e o que aconteceu, é isso.